

**REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DE HISTÓRIA ANTIGA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL**

**REFLECTIONS ON THE STUDY OF ANCIENT HISTORY IN BASIC
EDUCATION IN BRAZIL**

Dielson Santos da Costa¹ 0000-0002-6906-6767

¹Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil - dielson.costa05@gmail.com

Resumo: O estudo de História Antiga é um dos principais desafios para o professor de História da educação básica, tendo em vista que se trata de povos e culturas com um distanciamento temporal assaz amplo. Embora as contribuições dos estudos de Antiguidade sejam importantíssimas para compreendermos o mundo, as reflexões aqui apresentadas destacam que nem sempre essa tarefa tem sido exitosa. Nos últimos anos, as pesquisas historiográficas em História Antiga têm crescido consideravelmente, em contrapartida, de acordo com Funari (2014), Silva (2010), Moerbeck (2018) e Bittencourt (2013) o ensino de História Antiga na educação brasileira ainda não acompanha esse processo. Muito disso se deve as dificuldades encontradas pelos docentes para cumprir essa tarefa. Nesta pesquisa, buscamos compreender quais as principais dificuldades enfrentadas na educação básica para o ensino de História Antiga e buscamos pensar em caminhos que possibilitem melhores experiências de aprendizagem, para atingir esse objetivo.

Palavra-chave: antiguidade; educação; história.

Abstract:

The study of Ancient History is one of the main challenges for the History teacher in basic education, considering that it deals with peoples and cultures with a very wide temporal distance. Although the contributions of Antiquity studies are extremely important for understanding the world, the reflections presented here highlight that this task has not always been successful. In recent years, historiographical research in Ancient History has grown considerably, on the other hand, according to Funari (2014), Silva (2010), Moerbeck (2018) and Bittencourt (2013), the teaching of Ancient History in Brazilian education has not yet followed this process. Much of this is due to the difficulties encountered by teachers in carrying out this task. In this research we seek to understand the main difficulties faced in basic education for teaching Ancient History and we seek to think of ways that enable better learning experiences to achieve this objective.

Keyword: antique; education; history.

Introdução

A História Antiga, enquanto uma disciplina dentro da ciência histórica, tem experimentado um notável crescimento na produção historiográfica nos últimos anos, conforme evidenciado por estudiosos como Funari (2014), Silva (2010), Moerbeck (2018) e Bittencourt (2013). Esse aumento na produção científica reflete uma diversidade de novas abordagens e metodologias que enriquecem nosso entendimento sobre o passado. Entretanto, é crucial investigar como essas novas perspectivas estão sendo integradas na educação básica. A análise deve se concentrar em como os conteúdos mais recentes estão sendo transmitidos aos estudantes e se as novas interpretações, que oferecem olhares renovados e críticos sobre a História Antiga, estão sendo devidamente consideradas.

Assim, a análise pretende investigar se, nos livros didáticos, ainda prevalece uma abordagem simplista e superada da História Antiga. Essa abordagem tende estar carregada de anacronismos e não reflete adequadamente as novas descobertas e debates acadêmicos. Assim, é fundamental uma revisão crítica e atualizada dos materiais pedagógicos utilizados, garantindo que eles não apenas incorporem as recentes contribuições historiográficas, mas também promovam um ensino mais dinâmico e multifacetado da História Antiga. Esse processo envolve avaliar se as novas produções historiográficas estão sendo integradas de maneira eficaz nos currículos escolares e se os professores estão sendo adequadamente capacitados para transmitir essas novas abordagens de forma adequada.

Nesse sentido, é importante destacar alguns problemas enfrentados no ensino de História Antiga nas salas de aula da educação básica brasileira, a saber: o livro didático, no contexto mencionado anteriormente; a dificuldade de utilizar fontes históricas em sala de aula; a carência de professores pesquisadores, uma vez que os docentes do ensino básico estão frequentemente afastados das atividades de pesquisa devido às demandas de seu regime de trabalho; e, além disso, a percepção equivocada e injustificada de que os estudos de História Antiga têm pouca relevância por serem considerados excessivamente distantes das realidades contemporâneas.

Adicionalmente, é importante enfatizar que os professores da Educação Básica, na maior parte das vezes, se formaram em um curso de Licenciatura em História. Assim, de um modo geral, eles foram colocados em uma posição inversa a de um pesquisador,

que por regra é formado em um curso de Bacharelado. Dessa maneira, temos de um lado os professores de História e de outro os Historiadores, fato que dificulta essa relação fundamental professor pesquisador.

Ademais, ainda que tenhamos uma formação integrada nesse sentido, nota-se que devido a carga de conteúdos aplicados nos cursos de graduação, há pouquíssimo tempo para a preparação e ao mesmo tempo desenvolvimento de pesquisa destes futuros profissionais voltados para a área de História Antiga. Esse aprofundamento acaba ocorrendo apenas em áreas que os profissionais pretendem desenvolver pesquisas, em um provável curso de pós-graduação, por exemplo. Além disso, esses esforços de pesquisas nem sempre serão voltados para a Antiguidade, nem para o ensino de História Antiga.

Desde modo, como bem enfatiza Rüsen (2010, p. 103), o saber histórico é o que atribui cientificidade à História. Assim, a capacidade de ser submetida a métodos rigorosos de análise e interpretação, que permitem a construção de narrativas fundamentadas e críticas garantem que a prática da História seja uma disciplina científica. Logo, os princípios metodológicos e a reflexão do uso prático do saber histórico são aqueles que dão sentido ao conteúdo histórico. Para quem apreende esses conteúdos através de um professor pesquisador, apreende tal conhecimento através da competência narrativa, que dá sentido ao conteúdo histórico. Por sua vez, a narrativa é a constituição de um processo de transformação histórica ocorrida em um espaço temporal e que se relaciona, por muitas vezes, com questões culturais e temporais completamente distinta do historiador e do aluno. Assim, como destaca Rüsen “a formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido.” (RÜSEN, 2010, p. 104)

Por conseguinte, o ensino de História tem uma enorme importância no processo de racionalização histórica dos indivíduos. Nesse sentido, os estudos de História Antiga contribuem para a compreensão da temporalidade cultural e das mudanças na vida prática, da ocorrência de eventos históricos, sejam eles encerrados ou que continuam a reverberar nos tempos atuais, e para a reflexão sobre os conflitos humanos, bem como sobre as mudanças e permanências em um mundo cada vez mais globalizado.

De acordo com Hobsbawm (2013, p. 75), todos os seres humanos possuem consciência histórica e assim, são capazes de orientar-se historicamente na vida prática. Ora, obviamente mesmo que a consciência humana tenha plena ideia da dimensão temporal, somente através de um aprendizado histórico de forma racionalizada que os

indivíduos constroem um sentido histórico para interpretar cientificamente e criticamente o mundo em que vivem.

Aprofundando o assunto

O que muito se pode tratar a respeito da temática de História Antiga na Educação Básica é o questionamento da importância desta para a compreensão da formação do Brasil, que fora formado no século XVI pela miscigenação do europeu, africano e indígena. E que as aulas sobre a antiguidade na educação básica tratam basicamente de Grécia e Roma.

É importante destacar o abordado por Pedro Paulo Funari, em 2016, no parecer a respeito da construção da Base Nacional Comum Curricular. O autor defendeu naquela ocasião que o enfoque da BNCC extremamente direcionado aos estudos da história do Brasil inviabiliza aos jovens um conhecimento universal, amplo e diverso, de modo a prejudicar a formação dos cidadãos brasileiros. Além disso, Funari argumenta que isso contribui para a elitização dos conhecimentos, dando acesso aos estudantes apenas aqueles tidos como “básicos” que tratam da história do Brasil.

Souza (2019, p. 577), ao comentar o parecer escrito por Funari, compara tal situação a dos Estados Unidos, que produz uma segregação intelectual, dando enfoque a história nacional para a educação básica, deixando os indivíduos com uma visão limitada da história mundial. E os conhecimentos da história mundial, por sua vez, se tornaram conhecimentos pertencentes apenas a uma elite intelectual. Funari (2016, p.2), ainda completa que o conhecimento amplo é o único modo de produzir um conhecimento crítico e não servil sobre os usos do passado. Posicionamentos como o de Pedro Paulo Funari, bem como de outros historiadores, foram fundamentais para que o ensino de História Antiga fosse mais bem desenvolvido na formação da Base Nacional Comum Curricular. No entanto, é importante ressaltar que ainda não é o suficiente para o melhor desenvolvimento pedagógico da História Antiga na educação básica.

Souza (2019, p. 578), por exemplo, destaca que são fundamentais novas discussões públicas a respeito da Base Nacional Comum Curricular, no que tange aos estudos de Antiguidade na educação básica. Para o autor, a escolha dos temas e dos objetivos precisam ser revistos para possibilitar uma análise mais crítica e um

distanciamento de uma história eurocêntrica. Além disso, enfatiza que seria interessante um aumento da carga horária nas escolas para os estudos de História, permitindo assim, que o docente tenha uma maior disponibilidade de abordar os temas, tendo em vista que o cenário atual obriga o professor a lecionar Introdução à História, Pré-História, História Antiga e Medieval. E todo esse conteúdo está concentrado apenas para o 6º ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Ou seja, segundo a BNCC (2017), o tempo de ensino dos conteúdos programáticos da História ficam do seguinte modo:

6º ano – Introdução à História, Pré-História, História Antiga e História Medieval

7º ano – História Moderna, com enfoque na História do Brasil

8º ano – História Contemporânea, com enfoque na História do Brasil

9º ano – História Contemporânea, com enfoque na História do Brasil

Notemos que, sem desconsiderar a importância dos outros períodos históricos e da necessidade de uma abordagem completa da história nacional, os estudos de História Antiga, bem como de todos os outros que são lecionados no 6º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, ficam prejudicados. Entre outras razões, o prejuízo ocorre pelo tempo escasso que os docentes têm para apresentar a ciência histórica para os alunos e explicar três períodos tão complexos e diversos, como a Pré-História, a Antiguidade e Idade Média.

Além disso, pesquisadores como a historiadora Semíramis Corsi Silva (SILVA, 2010) e Pedro Paulo Funari (FUNARI, 2007) destacam que toda uma geração de estudantes da educação básica e do ensino superior em História, durante longo tempo, desde a época da ditadura militar, toda uma geração de estudantes da educação básica e do ensino superior em História foi apresentada a uma abordagem factual e positivista da história. Esta abordagem frequentemente adota uma visão de causa e consequência e uma perspectiva rígida de um povo sobrepondo-se a outro, sem considerar as correlações comerciais e culturais que ocorrem entre eles. A partir dos anos 1990, observou-se um aumento no debate e alterações na organização curricular, com o desenvolvimento de livros didáticos e a valorização do ensino de História por meio de novas perspectivas de estudo (SILVA, 2010, p.5).

A Lei de Diretrizes e Bases (2013) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) enfatizam a importância do ensino de História no desenvolvimento de uma formação crítica e no reconhecimento da pluralidade cultural. Após o fim da ditadura militar,

também houve um aumento na produção historiográfica, com uma ênfase crescente na visão marxista. No entanto, é a partir da História Cultural, especialmente na segunda metade da década de 1990, que se observa uma nova abordagem para o estudo da Antiguidade.

Essa nova perspectiva se reflete na integração de temas transversais, na multidisciplinaridade e na aproximação com outras áreas do conhecimento. Assim, os professores de História devem abordar as temáticas da Antiguidade em sala de aula com essas abordagens inovadoras. Dado que alguns temas e questões culturais do presente podem parecer "estranhos" para os alunos, é compreensível que o estudo de povos com culturas tão distintas da brasileira e com diferenças temporais significativas também apresente desafios.

Nesse ínterim, é inevitável que ocorram diversos anacronismos, mas, como enfatiza Nicole Loraux (1992, p. 58), uma certa dose de anacronismo é essencial para a compreensão do mundo antigo. Ou seja, ao apresentar um universo tão distinto de povos e culturas, o professor de História Antiga deve, de vez em quando, realizar associações com questões da atualidade. Embora essas associações possam ser vistas como meros anacronismos em uma pesquisa historiográfica, elas se tornam necessárias e válidas em sala de aula. O próprio Burke (2011, p. 249) destaca que os indivíduos interpretam as ações de acordo com sua própria cultura.

Nesse movimento de "vai-e-vem", a História Antiga pode ser compreendida pelos discentes da Educação Básica. Isso ocorre porque, ao explicar as temáticas da Antiguidade, o professor de História Antiga realiza comparações com questões atuais. Da mesma forma, de maneira crítica, o estudante que apreende esses conteúdos e os observa com uma visão crítica pode ser capaz de compreender melhor os temas contemporâneos.

No que diz respeito aos livros didáticos, destacamos as simplificações e generalizações. A pesquisa de Bittencourt (2013, p. 72) ressalta que o livro didático é o material que transfere o conhecimento acadêmico para o saber escolar, e que frequentemente contém erros e generalizações. É comum encontrarmos povos antigos agrupados como se pertencessem a uma mesma cultura, apresentando anacronismos e visões do passado filtradas pelos valores do presente. Nesse contexto, destacamos que:

Reflexões sobre o estudo de história antiga na educação básica do Brasil

Dielson Santos da Costa

Um das grandes dificuldades com que os autores de livros didáticos parecem se deparar no momento da elaboração das suas obras é o tema da figura do outro, da alteridade e dos conflitos culturais na história antiga e medieval. Muitas vezes, o resultado acaba sendo a perpetuação do binômio: civilização versus barbárie (CAMPOS; LANGER, 2007, p.1).

Não podemos deixar de destacar que existem materiais didáticos que vão na contramão do exposto. São recursos desenvolvidos por profissionais da área que não abordam o estudo da História sob uma perspectiva positivista, reduzida a linhas do tempo e correlações de causa e consequência. Esses materiais abandonam a visão de sociedades sem cultura, que precisavam ser civilizadas—uma abordagem comum na historiografia positivista—e valorizam as fontes históricas e as culturas como resultados de longos processos históricos. Nesse contexto, ressaltamos a citação de Pedro Paulo Funari: “Os livros são sempre bons, até mesmo os piores livros didáticos. Afinal, leitores ativos e críticos podem ser estimulados a desconstruir qualquer discurso.” (FUNARI, 2004, p. 4)

Precisamos destacar que, embora defendamos o estudo de uma História Antiga crítica na Educação Básica, o currículo disponível muitas vezes não permite o desenvolvimento aprofundado de questões conceituais da Antiguidade. Assim, cabe ao docente elaborar aulas que possibilitem o aprofundamento de algumas temáticas. Para isso, é necessário fazer escolhas difíceis quanto aos temas e questões a serem explorados.

O uso de fontes históricas ganha ainda mais importância nesse contexto, pois oferece distintas possibilidades para visualizar e compreender as diversas culturas da Antiguidade, ajudando a preencher as lacunas deixadas pelos livros didáticos. No entanto, enfrentamos outros desafios, como a falta de recursos tecnológicos que permitam a apresentação dessas fontes aos alunos. Esse hiato pode ser parcialmente suprido através do incentivo ao uso de filmes, séries e animações. Embora esses meios frequentemente contenham anacronismos e erros históricos, eles podem ser úteis para ilustrar diferenças culturais e apresentar algumas fontes históricas aos discentes. Assim, enfatizamos, nesse contexto, o que Semíramis Silva observa:

Para saber utilizar corretamente estes livros, e mesmo outros recursos, o professor de história precisa de criatividade, boa vontade e uma boa formação acadêmica (SILVA, 2010, p. 152).

Lemos (2014, p. 110) e Gonçalves (2001, p.10) em suas análises sobre as abordagens sobre História Antiga nos livros didáticos, inferem que as generalizações e os anacronismos são os principais problemas encontrados. Bustamante (2017, p.149) ainda completa destacando que a BNCC embora tenha trazido uma série de benefícios, não

conseguiu abordar e organizar a complexidade os conteúdos de Antiguidade. Leite (2020, p.101) enfatiza também que o pouco espaço destinado a História Antiga na BNCC teve como uma das consequências livros didáticos com pouco aprofundamento, tendo em vista, que estes buscam apenas generalizar e resumir conteúdos.

Ademais, Frizzo (2016, p.61) e Francisco (2017, p. 67) destacam que a História Antiga deveria ter um espaço e um cuidado maior em suas abordagens no Ensino Fundamental, tendo em vista que é a compreensão dos acontecimentos deste período que podem ser responsáveis por desenvolver a criticidade, o respeito as diferenças e a complexidade da História. Candau (2013, p. 110) expõe que as diferenças culturais que ficam latentes no estudo de História Antiga seriam interessantes para desenvolver o conhecimento sobre cultura e o respeito ao diferente. Por fim, Hemkmaier (2015, p.97) completa que os estudos de antiguidade são fundamentais para o desenvolvimento do discente nos mais variados aspectos, dentre eles, a compreensão de aspectos cronológicos e eventos de longa duração.

Conclusão

O ensino da História Antiga é essencial para a formação de cidadãos informados, pois proporciona um envolvimento profundo com as diferenças culturais e promove a tolerância por meio da compreensão da diversidade. Dado que todos possuímos um nível de consciência histórica adquirido por meio das nossas experiências de vida, a educação histórica não começa do zero. Portanto, é fundamental que os educadores reconheçam essa consciência pré-existente, oriunda do meio cultural dos alunos, e, a partir dela, desenvolvam uma aprendizagem histórica que visa cultivar a competência de interpretar o passado.

É importante destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) desafiam uma compreensão estática da história, promovendo uma visão que reconhece a diversidade e complexidade do passado por meio das culturas dos diferentes povos. Assim, há um alinhamento com os princípios da história cultural, que consideram todo o tecido antropológico e social que compõe a história.

Por sua vez, embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresente melhorias significativas em relação às suas edições anteriores e represente uma mudança importante na organização do currículo brasileiro, ainda apresenta diversos problemas.

Reflexões sobre o estudo de história antiga na educação básica do Brasil

Dielson Santos da Costa

Entre esses problemas, destaca-se a redução dos conteúdos anteriores à História Moderna, que agora são abordados em um único período escolar. Esses conteúdos necessitam de uma discussão mais aprofundada com historiadores e professores de História.

Após cuidadosa consideração, pode-se inferir que o campo da História Antiga no Brasil experimentou um notável aumento na produção acadêmica nas últimas décadas. Esse crescimento pode ser atribuído, em primeiro lugar, à redemocratização do país após o período de ditadura militar, que possibilitou uma maior abertura para influências historiográficas europeias. Além disso, o fascínio pelo mundo antigo tem cativado pesquisadores, educadores e estudantes devido à sua rica herança cultural e ao afastamento temporal, características que o distinguem de outras épocas.

Referências:

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2015.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclo: apresentação de temas transversais**. Brasília: MEC/sef, 1998.

BURKE, Peter. **Varieties de História Cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BUSTAMANTE, Regina. Para além do atenocentrismo: um desafio para a história ensinada. In: ROCHA, H.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. DE S. (Org.). **Livros Didáticos de História**. Edição: 1a ed. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: FGV, 2017. p. 147–169.

CAMPOS, Luciana; LANGER, Johnni. **História Antiga e Medieval nos Livros Didáticos: Uma avaliação geral**. História E-história, Campinas, 2007.

CANDAU, Vera; MOREIRA, Antônio. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Edição: 10a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

FRANCISCO, Gilberto. Desvelando o atenocentrismo. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 14, n. supl., p. 67, 21 mar. 2016.

Reflexões sobre o estudo de história antiga na educação básica do Brasil

Dielson Santos da Costa

FRANCISCO, Gilberto. O Lugar da História Antiga no Brasil. **Mare Nostrum** (São Paulo), v. 8, n. 8, p. 30–61, 9 out. 2017.

FRIZZO, Felipe. “A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e os descaminhos do Ensino da Antiguidade Egípcia no Brasil”. In Brancaglioni, A. Gama-Rolland, C. **Semana de Estudos de Egiptologia III**. Rio de Janeiro: Seshat –Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional, p. 49–68, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo. A Importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros escolares. **História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 4, ago. 2004. Semestral. Disponível em: . Acesso em: 23 set. 2014.

FUNARI, Pedro Paulo. A história em sua integridade: a propósito da Base Nacional Comum Curricular. **Relatórios Analíticos da BNCC no portal do Ministério da Educação**, Brasília, 2016. Disponível em: http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/relatoriosanaliticos/pareceres/Pedro_Paulo_A_Funari.pdf. Acesso em: 31 de julho de 2024.

GEBARA da SILVA, Uiran. ‘Uma Antiguidade Fora do Lugar?’ **Mare Nostrum** - Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo vol. 8: p. 1–12, 2017.

GONÇALVES, Ana. Os Conteúdos de História Antiga nos Livros Didáticos Brasileiros. **Hélade -Revista Eletrônica de História Antiga**, v. II, p. 9–13, 2001.

HEMKMAIER, Carlos. “Tá falando grego professor (a)?” -reflexões sobre o ensino de História da Grécia antiga na educação básica a partir das experiências do PIBID da FURB na E.B.B. Frei Policarpo. **Revista Labirinto (UNIR)**, v. 21, n. 0, p. 88–103, 7 mar. 2015.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 2013. Tradução de: Cid knipel Moreira.

LEITE, Paulo. O Ensino de História Antiga no Brasil: Percepções a partir das propostas da BNCC. In: NETO, J. M. G. DE S.; MOERBECK, G.; BIRRO, R. M. **Antigas Leituras: ensino de História**. Recife/Rio de Janeiro: EDUPE/Autografia, 2020. p. 93–113.

LEMOES, Ricardo Silva. **Análise dos livros didáticos de História durante o regime militar**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2014. Monografia de Final de Curso.

LORAUX, Nicole. **Elogio do Anacronismo**. In: NOVAES, Adalberto. Tempo e História. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 57-196.

MOERBECK, Guilherme. Caminhos possíveis para o ensino de História Antiga na Educação Básica: discussões preliminares. In: BUENO, A. et al. **Aprendizagens Históricas: debates e opiniões**. União da Vitória/Rio de Janeiro: SobreOntens, 2018a. p. 140–150.

Reflexões sobre o estudo de história antiga na educação básica do Brasil

Dielson Santos da Costa

MOERBECK, Guilherme. **Da Antiguidade ao mundo atual: as dimensões da História Antiga e os seus públicos**. In: MELO, Rosilene; MENESES, Sônia; MOERBECK, Guilherme. História Antiga no ensino fundamental: Um estudo sobre a os mitos gregos antigos e a consciência histórica. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 225–247, 26 nov. 2018b.

MOERBECK, Guilherme. Uma longa jornada da cidade antiga à contemporânea: escola, memória e cotidiano. **Revista TransVersos**, v. 0, n. 11, p. 144–157, 6 dez. 2017.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

SILVA, Semíramis Corsi. **Aspectos do Ensino de História Antiga no Brasil: algumas reflexões**. Porto Alegre, UNIPAMPA, 2010.

SOUZA, Matheus. O ensino de História Antiga em debate: educação com pluralidade ou tradicionalismo acadêmico?. **Revista História e Ensino**, v.25, n.1, p. 571-588, jan-jun, Londrina, 2019.

Informações dos autores

Dielson Santos da Costa. Mestrando em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Contribuição de autoria: autor.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0993242885557861>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

COSTA, Dielson Santos. Reflexões sobre o estudo de história antiga na educação básica do Brasil. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, vol. 7, n. 13, 2024, p. 86 - 95.